
Contracultura, Feminismo e Interseccionalidade no Cinema de Contagem¹

Sarah COUTO²

Cláudio CORAÇÃO³

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

RESUMO

A Contracultura, de caráter eminentemente contra-hegemônico, se faz presente em diversos âmbitos e períodos históricos. Entre suas muitas expressões, o Cinema de Contagem entra em cena como importante adepto à contracultura ao apresentar narrativas do cotidiano na periferia belorizontina. Com ênfase nos filmes Temporada, No Coração do Mundo e Baronesa, o seguinte trabalho procura explorar, evidenciar e questionar o papel e as narrativas femininas nos filmes citados. A metodologia consiste, inicialmente, num texto contextualizante dos conceitos de Contracultura e Feminismo Interseccional para, mais adiante, relacioná-los à presença de mulheres negras nas obras citadas e com isto levar ao conhecimento do público a importância da representatividade feminina, especialmente negra, nas telas nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; contracultura; feminismo negro; interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho tem como finalidade buscar, pontuar e explicitar a importância da representatividade feminina, especialmente negra, dentro do Cinema de Contagem, movimento cinematográfico localizado na periferia da cidade de Belo Horizonte. Nessa perspectiva, o texto se aprofunda em personagens e narrativas de mulheres negras em três principais obras, sendo elas: (1) Temporada, de André Novais Oliveira; (2) No Coração do Mundo, de Gabriel Martins e Maurílio Martins; e (3) Baronesa, de Juliana Antunes.

Com análises produzidas a partir de conceitos como o de Contracultura, Feminismo e Interseccionalidade, a pesquisa a seguir é fundamentada em obras e reflexões de autoras como Grada Kilomba (2019), Lélia Gonzalez (2020), bell hooks

¹ Trabalho apresentado no IJ04 – Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: sahhcouto23@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFOP, e-mail: crcorao@gmail.com

(2015), Djamila Ribeiro (2021), entre outros pesquisadores da questão racial e de gênero no país.

A metodologia consiste, inicialmente, num texto contextualizante dos conceitos chave do artigo, perpassando pela trajetória do Cinema de Contagem e por falas de diretores e analistas das produções. O trabalho finaliza relacionando os conceitos apresentados à presença e importância de mulheres nas obras cinematográficas, assim como seus possíveis impactos à população.

Além disto, serão elencados pontos de evidente contracultura, isto é, que fogem à narrativa padrão e estereotipada de produções audiovisuais brasileiras. Com isso, espera-se levar ao conhecimento do público a singularidade e importância de tais obras, assim como a necessidade da representatividade feminina, especialmente negra e periférica, de modo não estereotipado às telas nacionais.

CONTRACULTURA: Movimento e reivindicações

Inicialmente, é preciso retornar ao momento que se seguiu o fim da Segunda Guerra Mundial, um período marcado por diversas mudanças e reivindicações sociais e que foi o ponto inicial para a formação do conceito de Contracultura. Anteriormente à guerra, a família - marido, esposa e filhos - era tida como o eixo central da vida em sociedade, e cada integrante possuía um papel estritamente definido e de pouca abertura.

Entretanto, com o fim da guerra as novas gerações em muito começaram a discordar de seus antepassados, reivindicando ideias e papéis sociais até então tidos como intrínsecos aos homens e mulheres. Foram estes jovens nascidos ao fim da guerra e no período subsequente a ela que idealizaram, defenderam e levaram em frente o Movimento Contracultural surgido na década de 1960.

Definido pelo questionamento, negação e fuga de uma cultura vigente, o movimento contracultural buscava, e ainda busca, quebrar os padrões normativos e hegemônicos das sociedades capitalistas. Essencialmente ele procura contrariar hábitos, costumes e padrões tidos como “comuns e corretos” em seus países e períodos históricos.

Mesmo em seu início nos anos 60 a contracultura nunca se restringiu a apenas uma única área de atuação. Estando presente no âmbito político, social, e

principalmente artístico, diversas foram as movimentações que surgiram a partir da visão da contracultura.

Dentre as diversas formulações artísticas, a discussão ganhou grande repercussão no cinema da época. Dando base para a Nouvelle Vague na França e a Nova Hollywood nos Estados Unidos, a contracultura designa filmes que fogem ao cotidiano comum das histórias heróicas na qual o personagem principal deve passar por problemas e dificuldades até que se prove merecedor e digno de conquistar o que/quem mais deseja. Nesse sentido, as histórias que não seguem esse padrão hegemônico de narrativa podem ser, em diferentes proporções, filmes pertencentes ao movimento contracultural.

Nessa perspectiva, é válido pontuar a força do movimento contracultural dentro dos filmes do Cinema de Contagem, mais especificamente da produtora mineira Filmes de Plástico, afinal, suas obras estão demasiado inseridas na discussão ao fugir do padrão normativo de produções brasileiras, especialmente as do séc XX.

O CINEMA DE CONTAGEM: São gente como a gente

Criada no ano de 2009, a produtora Filmes de Plástico é formada pelos diretores de cinema André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins e pelo produtor Thiago Macêdo Correia. Em suas obras a produtora explora a cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte e cidade natal de parte dos diretores integrantes.

Com a produção de curtas e longas, a produtora já foi selecionada em mais de 200 festivais no Brasil e no mundo, entre eles nos festivais de Cannes, Locarno, Rotterdam, Festival de Cinema de Brasília e Mostra de Cinema de Tiradentes. Acumulando prêmios e reproduções, os filmes enchem salas de cinema em todo o país.

A trajetória da produtora tem se tornado mais conhecida nos últimos anos devido às emotivas narrativas apresentadas ao público. Tendo crescido na cidade de Contagem, os diretores trazem histórias cotidianas de moradores da região periférica de maneira afetuosa e até saudosa. Segundo o pesquisador Geison de Almeida:

Provocar o público por meio de zonas ambíguas e sensíveis entre realidade e ficção está nos alicerces estéticos dos cineastas da Filmes de Plástico. (...) há uma constante em seus trabalhos a qual se deve ao conhecimento e manejo acurados que eles possuem do espaço onde são criadas suas histórias, bem como do sujeito que anda, transita e vive por esses locais. (DA SILVA, 2020, p. 191)

Ainda segundo Geison, a produtora propõe um movimento de espelho “capaz não somente de refletir uma imagem mas, assim como um espelho rachado, indicar fissuras do sujeito representado e duplicar sua imagem justamente para que ela não seja unívoca”.

Levando em consideração que grande parte dos filmes só foram possíveis devido às leis de incentivo e apoio da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), as filmagens e produção se tornaram algo quase que comunitário entre a produtora e os moradores do bairro. Segundo o próprio diretor Gabriel Martins em entrevista à Folha de São Paulo:

É uma coisa muito ancorada nas nossas experiências pessoais e na vontade de contar histórias a partir do que a gente vive (...) Nosso cinema é muito guiado pela subjetividade dos personagens. Não identifico um gênero em comum nos filmes que fazemos, mas todos têm o desejo de mostrar pessoas em busca de algo. (MARTINS, in: Miranda, 2019)

Nesse contexto, pode-se dizer que o que há de comum em todas as produções é, afinal, a Contracultura. É esse desejo de mostrar a realidade, às vezes de forma sutil e outras de modo escancarado, que conecta o filme de forma íntima com o público.

“São filmes sobre coisas que a gente conhece, é o cinema do quintal de casa que se torna o universo”, afirma Thiago. Ainda na mesma entrevista André completa: “É um processo em que, de certo modo, pedimos emprestadas as personalidades dessas pessoas, e aí as colocamos em nossas histórias”.

Em conclusão, todos os filmes da produtora mineira acabam, de alguma forma, perpassando pela contracultura, pois todos mostram uma realidade latente e extremamente comum aos olhos dos brasileiros, em especial ao público mineiro que se vê representados nos espaços, sotaques e trejeitos dos atores-personagens.

Contudo, antes de aprofundar nos filmes, é preciso ancorar e discorrer sobre o conceito de feminismo interseccional, para melhor compreender a análise posterior das narrativas presentes nas obras de Contagem.

FEMINISMO E INTERSECCIONALIDADE: Normalizar o que é normal

As ideias e lutas feministas, bastante disseminadas desde a formulação da constituição de 1988, são críticas fundamentais para a vida em sociedade. Sua

importância e reconhecimento cresceram na virada do milênio e têm se mantido presente em estudos e discussões tanto acadêmicas quanto ‘na boca do povo’.

Menos familiar, o conceito de interseccionalidade vem ganhando maior espaço e reconhecimento nos últimos anos. O termo diz respeito ao atravessamento e acúmulo de questões e, principalmente, de preconceitos e discriminações que sofrem as minorias nos âmbitos sociais, institucionais, estruturais, etc.

Em 1989, Kimberlé Crenshaw usou o termo interseccionalidade pela primeira vez em referência à experiência de mulheres negras. Atualmente, ele segue sendo utilizado para descrever a vivência de mulheres negras em diversos países de passado colonialista e escravocrata. Como descrito por Carla Akotirene:

O termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (AKOTIRENE, 2019, p. 35)

Por muitas décadas as narrativas e vivências de mulheres negras foram atreladas às lutas de um único segmento minoritário. Seja no movimento feminista branco ou na luta contra o racismo, as mulheres negras tiveram suas narrativas negligenciadas. Isso porque o preconceito sofrido não se enquadrava integralmente nem às imposições de gênero, que socialmente são impostas às mulheres brancas, muito menos às questões étnico-raciais, uma vez que não recebem o mesmo tratamento discriminatório direcionado aos homens negros.

Dessa forma, a narrativa única de mulheres negras, de maioria trabalhadora, por décadas foi deixada de lado, silenciada e inviabilizada em discussões acadêmicas e de luta contra a opressão. Como colocado pela autora brasileira Lélia Gonzalez, a mulher negra ocupa “o pólo oposto ao da dominação que é representado pela figura do homem branco burguês. Por isso mesmo constituímos o setor mais oprimido e explorado da sociedade brasileira”. Ou como diria bell hooks:

Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo. Ocupando essa posição, suportamos o fardo da opressão machista, racista e classista. (hooks, 2015, p. 207)

Muitos são os estereótipos comumente atrelados às mulheres negras, como o caso da disponibilidade. Espera-se que mulheres negras atendam as necessidades de

terceiros, sejam elas sexuais (mulata), de atividade doméstica (empregada/faxineira), ou na maternidade (mãe preta). González ainda aponta como essas atribuições são planos de um mesmo sujeito, e que sua nomeação vai depender da situação em que tais mulheres são vistas/enquadradas.

E é aqui que entra a importância de perceber e questionar o modo como mulheres negras são enquadradas em produtos culturais, no caso desta pesquisa, como são representadas em filmes e séries, especialmente no Brasil que carrega realidades profundamente desiguais, fruto do passado escravocrata e colonialista do país.

É fato que as obras audiovisuais em geral possuem grande influência na sociedade ao propor temas e gerar discussões acerca das tramas e personagens escolhidos. Dessa forma a seleção do que mostrar, e conseqüentemente do que deixar de lado, ou então de como abordar os temas, a partir de que prisma levantar as questões de interesse público, é uma posição de extrema importância e influência social.

Rosane Borges (2012) aponta que tanto no Brasil quanto no mundo, os sistemas informativos e midiáticos demarcam e diferenciam o que é relatado/mostrado, estabelecendo modelos e estilos de vida a serem seguidos pela população. Muitas vezes, nessa busca pela compreensão e reconhecimento da maioria do público, as produtoras acabam por cair no quadro comum de referências, reproduzindo estereótipos a partir de falas, vestimentas, modelos de beleza, etc. Mais adiante os autores também comentam:

Olhando de soslaio para a paisagem midiática brasileira podemos observar um trajeto, pontilhado por estigmas e estereótipos, que parece se repetir indefinidamente. As malhas verbovisuais que compõem a cena intersemiótica (imagens, textos escritos, som, projeções gráficas e diagramáticas) posicionam sujeitos e temas nos espaços de representação de modo a fixá-los em categorias predeterminadas. (BORGES, 2012, p.188)

Assim, é de suma importância repensar a representação de mulheres negras a fim de quebrar o padrão restrito que a anos vem sendo seguido pelas grandes produtoras. De acordo com a cineasta Day Rodrigues é preciso “apresentar corpos negros como dotados de subjetividade, de afeto, de intelectualidade, para que as histórias de pessoas não brancas deixem de ser sistematicamente apagadas”.

Como forma de exemplificar os pontos até aqui colocados, o texto a seguir explora três filmes bases para a discussão contracultural, feminista e interseccional, a

fim de elucidar como é sutil a colocação dos personagens e tramas dentro das narrativas realistas e profundas do Cinema de Contagem.

TEMPORADA: Um respiro

Escrito e dirigido pelo mineiro André Novais, o filme *Temporada* (2018) foge às narrativas ordinárias das produções cinematográficas ao retratar, de maneira calma e simplista, a personagem Juliana em sua mudança e adaptação à cidade de Contagem

Após passar no concurso para trabalhar no combate a endemias na cidade, Juliana sai de Itaúna, no interior do estado, para uma casa na periferia de Contagem. Deixando na cidade antiga o pai viúvo e o marido, - que aguarda o fim do período do aviso prévio de demissão do emprego para se mudar com a esposa, - sua única rede de apoio é uma prima distante que mora no bairro.

O filme conta sobre a temporada de conhecimento e adaptação da personagem à cidade nova, assim como o modo como enfrenta as dificuldades do relacionamento à distância e as novas relações de amor e amizade. O longa também mostra a nova rotina e formação de amizades no novo emprego, através das quais Juliana se insere nos ambientes e eventos da cidade de Contagem.

Diferente dos clássicos do cinema hollywoodiano, onde é apresentada uma história emocionante e melodramática da jornada de um herói na luta contra o inimigo e a defesa da mulher amada, o filme mineiro nos expõe uma narrativa contracultural feminina característica do Cinema de Contagem. Com atores “gente como a gente”, o longa foca na adaptação do emprego, as novas relações, as pequenas alegrias e respiros, ao fim, um filme de uma vida comum no mundo real.

Na trama, a busca por sentido na existência é abordada a partir da relação da protagonista com sua nova rotina, gerando no público o sentimento de solidariedade e conforto. Mesmo não sendo nossa história podemos nos ver nela, há identificação imediata uma vez que a história contada poderia ser minha, sua, de qualquer um.

Ademais, o filme mostra diversas simbologias e linguagens que são rapidamente compreendidas e compartilhadas com o público brasileiro, reforçando o sentimento de pertencimento. Desde o sotaque mineiro, ao boteco na esquina, às músicas escolhidas para acompanhar o longa, as produções de sentido são facilmente assimiladas justamente por fazerem parte do cotidiano do país.

No âmbito técnico, a filmagem é singela e afetuosa, um filme tocante com ‘cara de casa’, o que, mais uma vez, reforça a sensação de pertencimento. Sem romantizar nem tornar lastimável, André apresenta a cidade de Contagem a partir de muros e calçadas, telhados, morros, restaurantes e gente comum andando na rua. Quase que marca dos filmes da produtora, Temporada contém cenas de planos enormes da cidade de Contagem mostrando toda a imensidão de casas. Inclusive, este modelo de quadro se repete nas outras obras analisadas, assim como em tantas outras do movimento.

Mas retomando a discussão contracultural, o filme já se diferencia por se tratar de uma narrativa feminina, afinal são poucos os filmes contados pela perspectiva de mulheres que não têm como centro o amor romântico ou a falta/busca dele.

Ao abordar a história de uma temporada da vida de Juliana, das dificuldades que teve e tem como mulher negra na adaptação em uma cidade nova, o filme pontua a relação da personagem com a mãe falecida e o pai pouco próximo à filha. O longa também pincela dificuldades da relação com o marido, com quem Juliana casou-se cedo e chegou a gerar um filho, abortado após a personagem sofrer um acidente de carro.

No meio do filme Juliana retorna a sua cidade natal, à procura do marido que não responde às suas mensagens. A volta para a casa antiga em Itaúna e a confirmação de que seu marido a deixou é catártico para a personagem. Um momento de certeza de que ela fez certo em ir, mesmo que para isso tenha custado o casamento, ao que parece sua única relação sólida em Itaúna.

O regresso a Contagem é um ponto de virada no filme, a partir daí apresentando uma Juliana mais segura, com relações mais profundas tanto com os amigos quanto em novas relações amorosas e de trabalho. Vale pontuar também que após a volta Juliana abandona o cabelo alisado que mantinha desde início e retorna ao crespo natural.

Não reproduzindo os estereótipos de mulata, doméstica ou o de mãe preta já apresentados, o filme mostra uma narrativa sensível de adaptação da mulher negra a um novo ambiente. Sua transição para o cabelo crespo ao fim do filme de certa forma marca a retomada de Juliana à sua inteireza como mulher negra, um processo que evidencia sua auto aceitação, quase como se antes, em Itaúna, ela experienciasse um momento de transe, impassível de sentimentos, contrastante com a Juliana de Contagem.

Temporada por muitos é tido como sonolento e desinteressante, isso porque, repito, não segue os padrões de narrativas femininas clássicas a que o público está

acostumado. Entretanto, para aqueles que estudam e pesquisam obras cinematográficas, o ritmo mais lento, quase letárgico, é precisamente central na discussão.

A lentidão leva o espectador a refletir acerca de pontos normalmente deixados de lado, como é o caso das muitas cenas em que o enquadramento foca no rosto da atriz em silêncio. Estas cenas ‘silenciosas’ acontecem, por exemplo, logo após Juliana contar acerca da filha perdida ainda no útero, também após o retorno da casa antiga. O filme abre espaço para o telespectador refletir sobre os pequenos marcos da vida, ele cede tempo para que, juntamente com a personagem, o público repense sua própria trajetória.

São momentos reflexivos que possibilitam a internalização da história. Até porque são eventos comuns, presentes na trajetória de vida de muitos brasileiros, desse modo não apenas nos solidarizamos com a personagem como conseguimos projetar parte dos acontecimentos em nossas vidas, refletindo o que faríamos em seu lugar.

O filme levanta diversas questões passíveis de discussão a depender do momento, local e situação em que é visto. Muitas foram trazidas em seu lançamento em 2018, mas também hoje muitas outras são colocadas. Como toda obra ele está aberto à interpretações e mudanças de significado e muitas são as interpretações possíveis. Ao fim, o filme acerta ao narrar de forma singela e humana a história de uma mulher negra.

NO CORAÇÃO DO MUNDO: Contagem é o motherfucking Texas

É ao som de *Texas* que é apresentada ao público a cidade de Contagem na abertura do longa ‘No Coração do Mundo’ (2019), escrito e dirigido por Murilo Martins e Gabriel Martins. Mesmo compartilhando do mesmo sobrenome e cidade natal, os dois diretores e fundadores da Filmes de Plástico só foram se conhecer nas aulas de cinema da faculdade em Belo Horizonte.

Fruto de dois curtas iniciais da produtora, ‘Contagem’ (2010) e ‘Dona Sônia Pediu Uma Arma para Seu Vizinho Alcides’ (2011), o longa estreou em 2019 e rodou o mundo acumulando premiações. Ao contar a história de Marcos, Ana, Selma, Rose, Miro, Beto, Sônia e tantos outros personagens, o filme ao mesmo tempo que se aprofunda e nos conecta com os personagens, se afasta a ponto de mostrar todas as tramas e paisagens da cidade.

A trama gira em torno de diversas narrativas e histórias dos bairros e ruas da cidade de Contagem e tem como personagem principal a cidade, seus espaços, pessoas e

costumes. Logo após a abertura, a primeira fala do filme - “Boa noite Laguna!”-, foi escolhida justamente com o intuito de saudar todos os possíveis moradores do bairro que se encontrassem nas salas de cinema.

No Coração do Mundo perpassa tópicos como a possibilidade de sonhar com uma vida melhor, sobre a luta diária por um melhor estilo de vida, sobre dinheiro e a falta dele, sobre relações familiares com os filhos, maridos, amantes, com amigos ou companheiros de trabalho, e até mesmo com parceiros de crime.

Parte central da trama mostra o plano de Selma de assaltar uma mansão num condomínio de luxo em Belo Horizonte. Para colaborar no assalto, ela chama Marcos, que já é inserido no mundo do tráfico, e Ana, sua namorada, que topam participar uma vez que precisam do dinheiro. A música de abertura justamente reforça a ideia do estado norte americano Texas, que no imaginário social é visto como um local onde a lei segue por outras vias. Inclusive logo no início do filme já é exposto como é feita a divisão de poder dentro do bairro após um assassinato na praça central do bairro Laguna.

Para além disso, no que tange a pesquisa deste artigo, o filme conta a história de mulheres ativas, sempre em movimento e em busca de realizações, sejam elas profissionais ou pessoais. Em contrapartida, os homens da trama parecem todos estagnados em suas funções, letárgicos. Marcos não trabalha, sendo criticado pela mãe e irmã, Beto também parece estar constantemente agindo em função do que dizem os outros, já Miro não consegue enfrentar o irmão mesmo discordando de suas atitudes, por fim sempre cedendo às vontades de outrem.

Ainda nos exemplos, as personagens femininas seguem na correria diária, Sônia busca justiça com as próprias mãos pelo filho baleado, Rose trabalha em diferentes locais a fim de juntar o dinheiro que precisa para trocar de carro. Selma ao mesmo tempo que faz alguns trabalhos na legalidade, planeja o grande assalto da história, tudo isso pois pretende se mudar para um bairro melhor. A mãe e irmã mais nova de Marcos também sempre são mostradas trabalhando ou cuidando da casa, e Ana, além do trabalho como cobradora de ônibus, mora junto do pai debilitado a fim de cuidar dele.

Numa entrevista ao site Cinema em Cena, os diretores Gabriel e Murilo colocaram como essa noção de homens estagnados e mulheres ativas chegou a ser pontuada em diversos festivais em que foi exibido. Segundo eles, são sempre outras mulheres que têm essa percepção e a apontam para o público, Murilo diz:

Essa observação ilustra os últimos planos dos personagens, os homens terminam parados num sentimento de frustração, e as mulheres estão todas em movimento, cada uma em busca de coisas distintas, mas todas em busca de algo, prosseguindo nessa dinâmica da vida, que eu acho que é um retrato muito fiel do que são as periferias do Brasil. (MARTINS, in: ALVES, c. 2019)

O diretor ainda comentou sobre como isto não foi algo planejado no roteiro mas que foi percebido no processo de montagem:

O máximo que a gente faz é apresentar o lugar onde a gente vive e isto saltou aos olhos porque é uma realidade das periferias brasileiras. É um lugar onde o abandono paterno é muito grande, então há um número muito alto de casas geridas por mulheres, mães e avós. (MARTINS, in: ALVES, c. 2019)

Dessa forma, a contracultura é mais uma vez expressa pela narrativa feminina atuante, assim como pelo fato do personagem principal não ser uma única pessoa, mas sim uma comunidade inteira. Focalizando a história de aproximadamente dez personagens, o filme conta o dia a dia e as dinâmicas dentro do bairro Laguna. Nesse sentido, para o espectador permanece o mesmo sentimento dúbio acerca do que é real ou não, nos filmes a linha entre realidade e ficção é sempre tênue e enevoada, não se sabe ao certo quando uma alcança a outra.

Em comparação aos outros filmes da produtora, pode-se dizer que *No Coração do Mundo* segue pouco mais próximo ao estilo de narrativa de grandes produtoras devido às cenas melodramáticas com *plot twists* entre outros recursos de filmagem mais usuais nas narrativas padrão.

Diferentemente de *Temporada*, *No Coração do Mundo* possui cortes mais bruscos, sem grandes momentos de silêncio. A obra também não conta apenas a história de mulheres negras, mas muitos de seus personagens são de origem afro-brasileira, seguindo o perfil dos moradores das regiões periféricas da capital mineira. Mesmo focando no bairro Laguna, o filme compartilha a realidade de tantos outros bairros, ocupando um lugar singular de representação e projeção do público brasileiro.

BARONESA: Na correria

Estrelado, dirigido e produzido por mulheres, o longa-metragem *Baronesa* conta a história de Andréia e Leidiane, moradoras da Vila Mariquinha, bairro na região periférica de Belo Horizonte. Dirigido por Juliana Antunes e produzido por uma equipe

exclusivamente feminina, o filme lançado em 2017 levanta questões como a autonomia das mulheres nas favelas, a ausência dos homens na criação dos filhos e a vida em meio a violência da guerra às drogas.

Diferente do usual onde a favela é mostrada pelo prisma masculino do tráfico e a guerra contra a polícia, o filme traz a perspectiva feminina da comunidade a partir das duas protagonistas. Enquanto Leidiane cuida dos filhos e lida com o marido recém encarcerado, Andréia trabalha para juntar dinheiro e terminar a construção de sua casa no bairro Baronesa, segundo a personagem, um lugar mais calmo e seguro.

Seguindo uma estética puramente naturalista, o filme transita entre a ficção e o documentário. Em entrevistas, Juliana chega a admitir que o filme possui uma espécie de ‘não-roteiro’, às vezes sabiam por onde começar ou onde queriam chegar, mas o percurso entre um e outro era livre. Ainda segundo a diretora, o filme busca contar a vida destas mulheres em meio à favela e, para isto, não é possível delimitar cena a cena.

O filme não possui artifícios nem enfeites, muito pelo contrário, ele expõe cenas com poucos elementos visuais, que deixam espaço para o espectador focar em Andréia e Leidiane, assim como no modo como estas lidam com os acontecimentos de suas vidas, um estilo de filmagem que se aproxima ao de Temporada. Seguindo pela mesma via contracultural do Cinema de Contagem, o filme narra momentos do cotidiano das personagens em meio a um bairro violento comandado pelo tráfico.

A síntese de Baronesa reside no que é contado, grande parte das vezes, de forma leviana pelas protagonistas. Pontuando traumas da infância, sexualidade, ausência dos parceiros e dilemas da vida adulta, assim como a reação e posicionamento das personagens a partir dessas questões, o filme é sutilmente violento. Sutil nas expressões e significados dos acontecimentos, violento na forma de contar e expor esses eventos.

A ausência de homens também é uma questão levantada, nenhuma das protagonistas possui irmãos, pais, ou maridos presentes, o único personagem homem é o “Negão”, amigo de ambas que constantemente aparece em cena. Entretanto, próximo ao final da trama acaba por morrer pela mão de traficantes da região.

Baronesa é um projeto sobre mulheres, produzido e estrelado por mulheres num ambiente recorrentemente dominado por homens, e nesse sentido me refiro tanto à favela, como ao meio cinematográfico. Baronesa é duplamente representativo ao quebrar as barreiras de espaços tidos como masculinos, abrindo caminho para

perspectivas femininas, tão abafadas na sociedade brasileira. No filme, temas como o prazer sexual feminino, o abuso infantil dentro da dinâmica familiar e a violência física e simbólica do dia a dia são debatido sem qualquer romantização.

Evidenciando uma comunidade um tanto mais periférica e pobre quando comparado à das duas outras obras analisadas, o filme expõe atores/personagens negros em suas vidas cotidianas. Mostrando conversas e vivências destas mulheres negras, pobres e da classe trabalhadora, Juliana Antunes cede espaço para narrativas que muitas vezes foram negligenciadas e abafadas na sociedade brasileira. Nesse contexto, o filme é, por si só, um exemplo de produção contracultural ao apresentar ao público uma perspectiva feminina e negra, interseccional por natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo maior evidenciar e discorrer acerca da importância da representatividade feminina negra não estereotipada nas produções audiovisuais brasileiras. Com base nos conceitos de Contracultura e Interseccionalidade, a pesquisa buscou elencar pontos de avanço nas representações feitas pela Produtora Filmes de Plástico, pertencente ao movimento cinematográfico de Contagem.

Uma vez que a mídia, em especial a televisiva, apresenta e propõe temas de discussão à sociedade, a decisão do que gravar e exibir é de grande impacto social, assim como o modo como são enquadradas as narrativas. Como já colocado, na mídia brasileira é recorrente a representação estigmatizada e estereotipada de mulheres negras, que acabam sempre restritas aos papéis de Doméstica, Mãe-Preta e/ou Mulata. Neste sentido, o que não é mostrado também diz respeito à sociedade como um todo.

Assim sendo, neste artigo buscou-se elucidar a importância das narrativas apresentadas pelo Cinema de Contagem, que nos entrega obras intrinsecamente contraculturais com histórias negras dotadas de subjetividade, intelectualidade e humanidade, para além dos estereótipos excludentes tão comuns nas telas brasileiras.

Pautando temas como o processo de adaptação da mulher negra à uma nova realidade, a estagnação dos homens e a consequente energia feminina, assim como a presença e papel de mulheres dentro das favelas brasileiras, e mais tantas outras questões desviantes da cultura hegemônica tradicional, os filmes de Contagem sugerem pautas importantes e necessárias de discussão.

O movimento contracultural expresso neste Cinema, ao contar histórias eminentemente brasileiras e reais, nos presenteia com objetos de pesquisa ricos e versáteis de forma clara e acessível. Dessa forma, é imprescindível que outras pesquisas sejam feitas a fim de abrir discussões para além do cinema e da sociedade regional. Tais ponderações e as distintas possibilidades de compreensão acerca das obras são o mais rico material de pesquisa que Contagem nos oferece.

Por fim, permanece o mesmo intuito de levar ao conhecimento do público a singularidade e importância de tais obras, assim como a necessidade da representação feminina, especialmente negra e periférica, de modo não estereotipado às telas e salas de cinema do país. Afinal, o processo desta pesquisa muitas vezes gerou reflexões íntimas, mesmo que compartilhadas. Concluo este trecho de pesquisa com o convite a que aqueles que tenham contato com tais filmes, que explorem as suas muitas possibilidades e compreensões.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Livros, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

ALMEIDA, Silvio. **Preconceito, racismo e discriminação**. In: _____. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, p. 22-37, 2019.

ALVES, Alessandra. **No Coração do Mundo: periferia universal**. Cinema em Cena. Disponível em: <<https://cinemaemcena.com.br/coluna/ler/2456/no-coracao-do-mundo-periferia-universal>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

AVANSO, Manuela; DE LIMA, João Guilherme; OLIVEIRA, Natanael. **O espaço do negro no audiovisual brasileiro**. São Paulo: Contraponto Digital, 2020. Disponível em: <<https://contrapontodigital.pucsp.br/noticias/o-espaco-do-negro-no-audiovisual-brasileiro>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

BORGES, R. C. da S.; BORGES, R. (Orgs.). **Mídia e racismo**. Petrópolis, RJ: DP et Alii ; Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 178-204.

CANDIDO, M. R.; FERES JÚNIOR, J.. **Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro**. Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 2, p. e54549, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5zzSXRTXZgsN8CMcYjhYQvg/?lang=pt#>. Acesso em: 30 de junho de 2023.

CARMELO, Bruno. **Baronesa: A favela das mulheres**. Adoro Cinema. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-252699/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

CARMELO, Bruno. **Temporada: Espaços de afeto**. Adoro Cinema. Disponível em: <<https://www.adorocinema.com/filmes/filme-266190/>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

DA SILVA, G. de A. B. **Contagem como o coração do mundo, através do olhar da produtora Filmes de Plástico**. Belo Horizonte: Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 30, n. 3, p. 179–200, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/25613>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

DOS SANTOS, G. F. **O cinema da contracultura na guerra fria e os novos paradigmas socioculturais**. Belo Horizonte: Revista Multiface, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista**. Brasília: Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MIRANDA, Marcelo. **Descubra a saga dos cineastas de Contagem que conquistaram o mundo**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/08/descubra-a-saga-dos-cineastas-de-contagem-que-conquistaram-o-mundo.shtml>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.

RIBEIRO, Djamilia. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SILVEIRA, Renato. **“Eu não estava interessada se era verdade ou mentira. Eu estava interessada em ter um bom filme” Entrevista: Juliana Antunes e equipe, “baronesa”**. Cinematório, 2017. Disponível em: <<https://www.cinematario.com.br/2017/02/entrevista-juliana-antunes-e-equipe-baronesa-mostra-tiradentes-2017/>>. Acesso em: 31 de julho de 2023.